



Data: 10.02.2011

Título: 'AS NOSSAS AMBICÇÕES TERÃO DE SER REDUZIDAS'

Pub:



Tipo: Jornal Nacional Diário

Secção: Nacional

Pág: 10;11



Conversas com Norte

ALEXANDRE QUINTANILHA, CARVALHO DA SILVA E JOSÉ LEITE PEREIRA MODERADOR

"AS NOSSAS AMBICÇÕES TERÃO DE SER REDUZIDAS"

Um governo económico na zona euro, a sustentabilidade e a crise no Egito foram os temas em destaque em mais uma das Conversas com Norte, com Alexandre Quintanilha e Carvalho da Silva

Área: 1392cm² / 73%

Tiragem: 133.131

FOTO

Cores: 4 Cores

ID: 3506513



Data: 10.02.2011

Título: 'AS NOSSAS AMBICÇÕES TERÃO DE SER REDUZIDAS'

Pub:



Tipo: Jornal Nacional Diário

Secção: Nacional

Pág: 10;11



José Leite Pereira (JLP): Partindo das intenções do Conselho Europeu do fim-de-semana, aproxima-se um governo económico da Zona Euro. A Alemanha entendeu que terá de "tomar conta" da Europa, para que o euro não esteja em perigo, com os países pobres à mercê de empréstimos muito caros. Professor Quintanilha, um Governo económico é bom?

Alexandre Quintanilha (AQ): Qualquer estrutura que tente harmonizar, mas não de uma forma artificial, a maneira como os cidadãos de uma região, país ou continente se regem não é um mau princípio. Mas temos de ter em conta que há um passado que não é semelhante.

JLP: O sonho europeu juntou gente de várias origens...

AQ: Tudo o que impeça os grandes conflitos que existiram na Europa há milénios – religiosos, políticos, económicos – e reduza a probabilidade de voltarem a acontecer é positivo. Não sou economista, sou um pouco crítico, não tenho a certeza de que uma estrutura económica resolva todos os problemas.

JLP – Agrada-lhe a ideia de uma Europa unida?

AQ: Agrada-me a ideia de uma Europa não dividida. Falamos de África, mas a Europa teve mil anos de conflitos muito piores, não tem uma história recomendável, apesar de ter coisas extraordinárias. Se calhar, estamos a viver melhor do que viviam os nossos avós. Mas há um preço que se paga...

JLP – Esse preço compensará?

Carvalho da Silva (CS): Poderemos estar a caminhar para uma situação complicada. Não sabemos a dimensão do preço. A economia é uma ciência social e há muito tempo que se secundarizou o social. Quando se passa para o trabalho, complica-se ainda mais. **JLP – As decisões ou intenções do último Conselho Europeu foram**

frias, muito pouco sociais.

CS: Exacto. Da União Europeia nasce a CEECA – Comunidade Europeia do Carvão e do Aço, que teve como preocupação impedir que a utilização das matérias-primas levasse novamente à guerra. É uma ideia de cooperação, o projecto europeu nasce com uma carga de solidariedade que está a ser esvaziada. Nestas medidas (do Conselho Europeu), tenta-se impor as mesmas regras a realidades diferentes. Somos um espaço com povos e culturas diferentes. Criou-se a ideia de que a Alemanha está a fazer um grande sacrifício pela Europa mas é, talvez, o país europeu que mais beneficiou da construção europeia, do ponto de vista da estratégia económica...

JLP – Todos somos consumidores de produtos alemães. Mas também é verdade que muitos países receberam ajudas europeias...

CS: Portugal desbaratou ajudas, os fundos comunitários deram para cavar desigualdades e proliferar compadrios e corrupções. Desse ponto de vista, não nos ajudou nada, embora haja outros aspectos em que andamos bem. Gostava de voltar à questão da solidariedade, porque me lembrei, um destes dias, do que está escrito no Tratado de Roma, sobre o projecto europeu: "Os estados-membros empenham-se em promover a melhoria, nomeadamente das condições de trabalho, para protegerem a segurança e a saúde dos trabalhadores e estabelecerem como objectivo a harmonização no progresso das condições existentes neste domínio".

JLP – Um belo sonho, difícil é traduzi-lo...

CS: Impor as mesmas regras, no que diz respeito à idade da reforma, aos salários – no caso português, não há sequer indexação aos salários – a flexibilização, harmonizando pelo pior, é o oposto do compromisso solidário de parti-

da para a construção europeia.

JLP – O problema, numa altura de crise, é que, com certeza, teremos de dar passos atrás...

CS: Ou caminhar de forma diferente. As medidas que deviam ser adoptadas para regulação financeira, do funcionamento da estrutura económica ou do papel do Banco Central Europeu continuam no ponto zero ou a andar para trás. E arriscamo-nos a chegar a Março e ter apenas medidas

"Agrada-me a ideia de uma Europa não dividida"

de pressão no plano social, negativas para os trabalhadores e para os povos, e continuarmos sem discussão séria sobre os problemas institucionais e políticos da Europa.

JLP – Professor Quintanilha, este caminhar de forma diferente vai obrigar-nos a um recuo?

AQ: Depende da forma como se olha para a questão. Deixe-me introduzir o tema da sustentabilidade. A Terra tem gente a mais: já chegámos a sete mil milhões de pessoas. Se pensarmos que gastamos energia no que comemos, os americanos, por exemplo, gastam 500 vezes mais o mesmo número de calorias só na vida diária; os europeus gastam 200 vezes mais o que comem em termos de calorias (de energia) e há países no Mundo onde as pessoas utilizam apenas uma vez mais. O Planeta não consegue suportar, porque toda a gente quer ser como a Europa ou como os EUA. Já há muito tempo que não temos capacidade para sustentar toda a população. Por outro lado, há países que estão a crescer imenso – os países emergentes – que têm um nível de vida inferior ao nosso,



Data: 10.02.2011

Título: 'AS NOSSAS AMBICÇÕES TERÃO DE SER REDUZIDAS'

Pub:



Tipo: Jornal Nacional Diário

Secção: Nacional

Pág: 10;11

clipping
consultores



O director do JN, José Leite Pereira (à esquerda), conversa com Alexandre Quintanilha e Carvalho da Silva

mas que querem chegar ao mesmo nível. Portanto, se o objectivo é aumentar o nível de vida dos mais carenciados, os outros têm de diminuir o seu nível de vida. Quando nasci, em minha casa havia um carro; hoje, em Portugal, há famílias em que cada membro tem o seu carro, o que não é sustentável. Não é que ter mais carros signifique qualidade de vida, mas é vendido como sendo um objectivo dos jovens. Não tenho dúvidas de que as nossas ambições terão de ser reduzidas. É preciso perceber em que áreas e como se compensa.

JLP – Estava a lembrar-me da situação no Egipto, que foi mantida porque interessava aos EUA, à Europa, e criou-se uma “panela de pressão” naquela zona, que poderá não explodir mas está em grande efervescência...

CS: Um caldeirão social que nunca esteve em tão grande ebulição desde o século XIX...

JLP – É possível prever o que vai acontecer naquela zona?

AQ: Era expectável. Quando se mantém uma região inteira sob regimes autocráticos, não dura muito tempo. Também estou à espera que o que está a acontecer no Oeste da China comece a atingir o resto do país e outros países. Este caldeirão vai ter consequências imprevisíveis. Faz parte do desejo das pessoas serem mais livres e autónomas e poderem escolher a vida que querem. Na Europa, demorámos 500 anos.

CS: O conceito de globalização só tem sentido – e a realidade prova-o – se as sociedades forem capazes de trabalhar mais com base em universalismo, multilateralidade e multiculturalidade. Choca-me ver que as pessoas olham para o Egipto e a Tunísia e lhes parece muito distante. É um erro. Esquecemo-nos do que é o Egipto como povo, como cultura, do que herdámos e ainda hoje usamos. Ou da China. Há uma dinâmica social em ebulição, muito ampla, que a mudança de milénio trouxe à evidência.

JLP – Que a globalização potenciou...

CS: Por um lado, potenciou, por outro, criou os seus limites. Só temos uma certeza: é pela acção que estamos a desenvolver em todo o Mundo que as coisas estão a transformar-se. Estamos a recentrar conceitos de emprego, de trabalho, produção material de bens e serviços úteis à sociedade, mas noutras perspectivas; o estilo de vida vai sofrer alterações profundas. É inquestionável que a Europa não vai ter acesso a matérias-primas nas condições que teve. O apelo ao consumo, que se cruza com um individualismo que já faz parte do funcionamento das instituições, é desastroso. Não há nenhuma receita, não-de emergir forças sociais, organizadas, políticas. Estamos obrigados a olhar o Mundo com conceitos mais fortes do ponto de vista da abordagem do universalismo, que vai desde as relações entre os povos, por exemplo, até à forma como olhamos os direitos sociais, travar injustiças e desigualdades sociais.

Área: 1392cm² / 73%

Tiragem: 133.131

FOTO

Cores: 4 Cores

ID: 3506513



Data: 10.02.2011

Título: 'AS NOSSAS AMBIÇÕES TERÃO DE SER REDUZIDAS'

Pub:



Tipo: Jornal Nacional Diário

Secção: Nacional

Pág: 10;11

clipping
consultores

"O problema da distribuição da riqueza é fundamental"

AQ: A globalização pode ser vista como muito positiva ou muito negativa. Para quem tem um treino educativo sofisticado e pode ir trabalhar para qualquer parte do Mundo, é boa. Eu vivi um terço da vida em África, outro terço na América, agora estou na Europa e não sei para onde vou a seguir. Para quem não tem esse treino, ou está sujeito a ir trabalhar para onde a mão-de-obra é mais barata, a globalização não é positiva.

CS: Torna-se um beco apertado...

AQ: Exactamente. E esta visão do Mundo, optimista ou pessimista, depende da História e da história de cada um de nós. Tem de haver escolhas e mudar a forma de pensar: perceber que a felicidade não é dada pela quantidade; queremos uma qualidade de vida melhor. Está a acontecer com muita gente, que está a perceber que ter mais não dá felicidade. Mesmo os movimentos que estão a aconte-

cer no Magrebe têm a ver com isso. As pessoas querem ter mais qualidade de vida.

JLP – No Egipto, há pessoas com contratos de trabalho ao dia e muitas vivem com menos de um dólar por dia.

CS: O problema da distribuição da riqueza é fundamental. O salário já foi subsídio de subsistência, depois ganhou dignidade, passou a ser uma parte do valor produzido pelo trabalho, e há aqui um sentido regressivo: a passagem de uma parte que pertencia aos salários para os lucros e a desatenção à metade que ganha menos criou um desequilíbrio incrível. A contratação colectiva foi o instrumento que, na segunda metade do século XX, mais influência positiva teve na distribuição da riqueza. Isto não é a afirmação de um sindicalista, foi um pressuposto colocado aos governos, em 2009, a organizações patronais e de trabalhadores para chamar a atenção para o Pacto do Emprego, para o que era preciso mudar. E não está a mudar.

LUÍSA MOREIRA EDIÇÃO
lmoreira@jn.pt



"O projecto europeu nasce com uma carga de solidariedade que está a ser esvaziada"

Carvalho da Silva
LÍDER DA CGTP



"Há muito que não temos capacidade para sustentar toda a população mundial"

Alexandre Quintanilha
INVESTIGADOR

Área: 1392cm² / 73%

Tiragem: 133.131

FOTO

Cores: 4 Cores

ID: 3506513